

## O banho de Mar na Ilha de Santa Catarina: O lazer na orla marítima de Florianópolis

Sérgio Luiz Ferreira\*

Trata o presente texto de uma redação preliminar. Futuramente pretendo escrever minha dissertação de mestrado sobre este assunto. É uma primeira tentativa de problematizar a questão.

Poderá pensar o incauto visitante que o hábito do banho de mar seja tão velho quanto a Ilha de Santa Catarina, ou pelo menos tão velho quanto seus habitantes. A Capital do Estado de Santa Catarina, que ocupa a totalidade da Ilha de Santa Catarina e uma pequena porção do continente fronteiriço, orgulha-se de seu potencial turístico. A cidade costuma ser invadida todos os anos por milhares de turistas em busca de banho de mar em alguma de suas 42 praias. A questão preliminar de minha pesquisa é perceber o processo de implantação do lazer à beira mar em Florianópolis, e o surgimento da concepção do mar como local de banhos. Morador que sou da beira da praia, banhista desde meus tenros anos, chamou-me a atenção desde cedo o fato de meus pais e avós não terem por hábito o banho de mar, mesmo sendo pescadores. Isto implica, talvez em pensar que esta "novidade" dos banhos de mar, não devia fazer parte da cultura dos mais antigos habitantes da Ilha de Santa Catarina, ligados desde os primórdios da colonização, no século XVIII, à pesca e à produção agrícola para a subsistência.

Alain Corbin em *O Território do Vazio*,<sup>1</sup> aponta que na Europa, a prática dos banhos de mar tiveram raízes no século XVII, para se firmar de fato nos séculos XVIII e XIX. De distração imoral própria do povo sem educação, tornou-se uma prática autorizada. Em 1622, Henri Peacham considera inclusive que o verdadeiro gentleman deve saber nadar<sup>2</sup>. A praia fortalece os indivíduos escravos do conforto, que não sabem andar senão sobre tapetes<sup>3</sup>. O banho tem uma razão medicinal, terapêutica.

---

\* Sérgio Luiz Ferreira, natural de Florianópolis, SC. Graduação em Filosofia - FEBE (Fundação Educacional de Brusque - Escola Superior de Estudos Sociais). Ingresso no Mestrado: 1992. Trabalho apresentado no XVII Simpósio Nacional de História promovido pela ANPUH, de 19 a 23 de julho de 1993.

<sup>1</sup> - CORBIN, Alain. *O Território do Vazio: a praia e o imaginário ocidental* (tradução Paulo Neves). São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

<sup>2</sup> - Idem, p. 71.

<sup>3</sup> - Idem, p. 75.

Em Florianópolis esta prática parece ter tomado corpo na década de 1930, quando passou-se a montar toda uma estrutura balneária e tornou-se distinção social freqüentar balneários. Praia sempre existiu, é obvio, mas a menos de um século era encarada de outra forma. O mar era lugar de serviço: pesca, extração e meio de comunicação. As estradas eram raras e intrafegáveis. As casas eram viradas para o mar. Pelo mar se chegava e se partia, no mar se vivia e se morria. A opção pelo transporte rodoviário reduziu a importância do mar como meio de comunicação. As casas voltaram suas fachadas para as estradas. No século XIX, Florianópolis, então chamada Desterro, possuía um porto que mantinha ligações marítimas com inúmeras praças nacionais e até internacionais. Nesta época o mar não era lugar de banhos. Pelo contrário, tal prática provocava escândalo. É o que ilustra o artigo publicado no jornal *O Argos da Provincia de Santa Catarina* em 1857. Oswaldo Rodrigues Cabral na sua obra *Nossa Senhora do Desterro-Noticias* já fez menção a este episódio:

"No dia onze do corrente em alto dia foram lavar-se na Praia de Fora, quatro pessoas, entre estas o filho do Administrador da Fazenda Provincial, Antonio J. Esteves Júnior, e sendo admoestado pelo inspetor do quartelão respectivo fazendo lhe ver que o Art. 86 do Código de Posturas Municipais lhe proibia semelhante abuso;..."<sup>4</sup>.

Foram lavar-se em alto dia. Tiveram a petulância de lavar-se na Praia de Fora com o sol a pino. Conta o articulista que o inspetor de quartelão tentou coibi-los, mas que Esteves Júnior o ridicularizou, o desacatou. O Código não permitia semelhante abuso. Tomar banho de mar, ou melhor, lavar-se no mar era caso de policia. Esteves Júnior, hoje, por ironia, empresta seu nome à rua que outrora era praticamente a única ligação entre a cidade e a Praia de Fora. Este moço talvez fosse um revolucionador dos costumes e hábitos, ou no dia 11 de fevereiro de 1857 fez calor de suar em bicas. Deste episódio, convém ainda perceber que Esteves Júnior era filho da elite local e na sua travessura de garoto escandalizava com uma prática que se tornaria, quase oitenta anos depois aconselhável, inclusive tornando o mar local de intensa sociabilidade para as famílias distintas.

No entanto, na época deste escandaloso banho, o mar era local de outra relações. Além daquelas de trabalho: pesca, transporte, etc. era também lugar de despejo de dejetos. As praias, o mar, eram lugar de esgoto, de lixo, de entulhos, de restos, de imundícies. O *Código de Posturas da Cidade do Desterro*, de 1888, determinava:

"É absolutamente proibido:

<sup>4</sup> - Viva a nossa policia. *O Argos da Provincia de Santa Catarina*. 20.02.1857. Para facilitar a comunicação, o artigo foi reproduzido na ortografia atual. Farei o mesmo com os próximos artigos.

Parágrafo 1 - lançar cisco, palhas, vidros, imundícies, matérias fecais, animais mortos, lixo, entulho, nos quintais, praças, ruas, cais, praias..."<sup>5</sup>.

Poderá parecer, a quem lê este artigo isoladamente, que já naquela época se pensava na praia, como um lugar que devia ser limpo, posto que de uso público. Mas, parece que este artigo só valia enquanto dia claro, à noite a coisa mudava,

#### "Artigo 54 -

A limpeza das águas servidas e matérias fecais só poderá ser feita das 10 horas da noite às 5 horas da manhã, lançando-se-as ao mar"<sup>6</sup>.

Como se percebe, enquanto proíbe-se de lançar imundícies nas praias, regulamentase a hora do lançamento das águas servidas e matérias fecais ao mar. Numa população, que segundo o *Censo de 1872* era de 8.608 habitantes, não é difícil imaginar o estado das praias ao pé do largo do palácio ( hoje Praça XV). Era numa praia assim que o garoto Esteves Júnior escandalizava ao banhar-se, embora a Praia de Fora, na época, fosse bem menos habitada que aquela fronteira ao palácio onde acumulavam-se os dejetos.

Virgílio Várzea na sua obra *Santa Catarina: A ilha*, publicada pela primeira vez em 1900, diz que a Praia de Fora era:

"...primeira estação balnear da capital, cuja população para aí acode, em parte, na época própria, habitando as casas da beira-mar..."<sup>7</sup>.

Vemos já nesta época os primeiros ensaios para a utilização da orla marítima para o lazer, embora seja ainda de forma muito tímida.

A mesma Praia de Fora, 75 anos depois, tornava-se tema dos jornais, porém a questão não era a mesma. Numa edição de *O Estado*, de 1932, um artigo chama novamente a atenção da polícia para um "abuso que se está praticando e perpetuando" na mesma Praia de Fora:

"Os banhistas de ambos os sexos, que ali vão atenuar os rigores da estação... têm sido importunados por alguns remadores de clubes náuticos. Isso perturba a tranquilidade dos

<sup>5</sup> - Código de Posturas da Câmara Municipal da Cidade do Desterro de 22.10. 1888. Cap. II - Saneamento. Art. 53, paragrafo 1.

<sup>6</sup> - Idem. Art. 54.

<sup>7</sup> - VÁRZEA, Virgílio. *Santa Catarina, a Ilha*. Florianópolis: Lunardelli, 1985 (1900).

nadadores. Cremos que o sr. Delegado de Polícia da Capital... deverá mandar fazer o policiamento de toda a linha da praia, para evitar ali os abusos que acusamos..."<sup>8</sup>.

O mesmo cenário. Porém, 75 anos depois, banho de mar deixou de ser infração ao *Código de Posturas* e de ser considerado "lavar-se no mar". O banhista passou a ter a primazia na praia. O abuso agora era por parte dos remadores que importunavam os nadadores. A relação do homem com o mar sofre uma transformação. Por que só agora os habitantes vão "atenuar os rigores da estação" tomando banho de mar? A temperatura, com certeza, não aumentou em demasia do verão de 1857 para o de 1932. O mar estava deixando de ser primordialmente local de serviço e meio de transporte para transformar-se em lugar de lazer socializado. Era preciso agora delimitar o espaço do banhista e o espaço do remador. É importante perceber que, ao que tudo indica, o remo era um esporte praticado há muito mais tempo do que o hábito do banho de mar na Ilha de Santa Catarina. Por que o banhista passava a ter a preferência sobre o remador? Algo tinha mudado no cotidiano e na forma de pensar do habitante da Ilha Capital de Santa Catarina.

Obviamente, não era só na Ilha de Santa Catarina que o mar ganhava novo caráter. No livro de Alain Corbin, *O Território do Vazio*, já citado neste texto, vê-se, entre outras gravuras, algumas que mostram chalés sobre rodas que servem aos banhistas. Na gravura "litografia anônima", de 1822, vê-se a praia cheia destes chalés dentro d'água e ninguém na água ou na areia<sup>9</sup>. Em outras gravuras "Dieppe, banho das mulheres" e "Dieppe, banho dos homens", representados na obra de Louis Garneray, *Voyage pittoresque et maritime sur les côtes de la France*, ( Paris, 1828), aparece a praia tomada por tendas fechadas e pessoas banhando-se no mar<sup>10</sup>. No Volume *História da República*, de Hélio Silva<sup>11</sup> aparece uma gravura de 1897, chalés de madeira dentro d'água, utilizados por banhistas na Praia de Guarujá - SP. Os chalés haviam sido importados dos Estados Unidos e, a exemplo do costume francês, as pessoas permaneciam dentro dos chalés e tendas, e os que não trocavam de roupa nos compartimentos particulares, escandalizavam a praia.

Em edição de 1937, o jornal *O Estado* trazia uma notícia do Rio de Janeiro, intitulada "O escândalo nas praias", onde dizia que a polícia está exigindo decore nas praias de banho, principalmente nas que ficavam nas proximidades dos bairros populosos e residenciais. O fato foi chamado pela imprensa de "Campanha contra os sem camisas". Os banhistas "semi-nús

<sup>8</sup> - Pelas nossas praias de banhos. *O Estado*. Florianópolis, 13.02.1932, p. 1.

<sup>9</sup> - CORBIN, A. Op. cit. p. 233.

<sup>10</sup> - Idem. p. 234, 235.

<sup>11</sup> - SILVA, Hélio. *História da República (1889-1903)*. São Paulo: Nova Cultural, 1990. p. 38.

atravessavam as ruas... com uma pequena tanga, à altura das ancas. Nada mais... As praias de banho são de utilidade pública. Não devem servir de motivos para escândalos, que perturbem o decoro urbano"<sup>12</sup>.

Numa sociedade, acostumada a apresentar-se vestida, e onde a hierarquia social era demonstrada, também através das roupas <sup>13</sup>, esta exposição do corpo soava como uma verdadeira afronta, um escândalo. *O Estado* chamava de "espetáculo de nudismo". As praias de banho deveriam ser usadas, mas sem atrapalhar a vida urbana. A praia invadia a cidade, banhistas vestidos apenas com "tangas à altura das ancas" misturavam-se a sisudos senhores de terno e gravata. A praia e os banhistas causavam escândalo, a cidade dava-se conta da praia. Em 1940, *O Estado* publicava um artigo em que reclamava da atividade de alguns banhistas na Praia do Müller, nesta capital. Dizia o articulista que os banhistas que, acompanhados de esposas, filhas ou irmãs, procuravam a Praia do Müller, para buscar na água do mar um "refrigério contra o excessivo calor" reclamavam da atitude de alguns banhistas que não se apresentavam convenientemente já pela "quantidade", já pela qualidade de suas roupas de banho. Para vesti-las ou despí-las não olham quem se acha perto, provocando, assim, escândalo por exibicionismo imoral<sup>14</sup>. Um duplo escândalo: Primeiro por apresentarem-se com roupa de pouca qualidade e quantidade, por certo também "tangas à altura das ancas". O segundo escândalo era o fato de vestirem-se e despirem-se em plena praia sem se preocuparem com os circundantes. Existiam para troca de roupa, na Praia do Müller, compartimentos, na casa do sr. Aarão Bonifácio e na residência da família Müller, pelo menos.

Em 1932, o sr. Aarão Bonifácio, residente à Rua Almirante Lamego (Praia de Fora), visitou a redação do jornal *O Estado* e disse ter

"Organizado à disposição de quem queira nos dias quentes do presente verão, tomar banho de mar na bela Praia do Müller, uma seção de quartinhos, apropriados para a mudança de roupa"<sup>15</sup>.

A infra-estrutura para o banho de mar começava a ser montada. O artigo trazia o título "improvisando uma praia de banhos". A Praia do Müller foi uma das primeiras praias a servir ao lazer aquático das famílias florianopolitanas. Embora, quem a conheceu - hoje ela

<sup>12</sup> - *O Estado*. Florianópolis, 02.01.1937.

<sup>13</sup> - SOUZA, Gilda de Mello e. *O espírito das roupas. A moda no século XIX*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987. p.25.

<sup>14</sup> - *O Estado*. Florianópolis, 19.01.1940.

<sup>15</sup> - Improvisando umas praias de banhos. *O Estado*. Florianópolis. 17.02.1932.

foi aterrada para dar lugar à Avenida Beira-Mar Norte - diga que a Praia não era muito boa, porque a faixa de areia era estreita e logo começava o lodo. O Balneário da Ponta do Leal foi inaugurado a 10 de janeiro de 1937. Possuía vestiários para aluguel e banheiros à disposição dos banhistas, além de serviço de bar e restaurante<sup>16</sup>. No entanto, já antes desta data eram organizados passeios à praia da Ponta do Leal<sup>17</sup>. As construções multiplicavam-se. Nos finais de semana partiam ônibus de meia em meia hora do centro em direção à Ponta do Leal<sup>18</sup>. Agora os banhistas passavam a se dirigir também ao continente. O Balneário da Ponta do Leal era equipado com instrumentos de lazer aquáticos, como o trampolim, onde muitos se machucavam<sup>19</sup>. A praia de Coqueiros, também no continente, era muito procurada pelos banhistas a partir da década de 1930. Em 11 de dezembro de 1948 foi inaugurada a sede do Coqueiros Praia Clube, na Praia da Saudade, Bairro de Coqueiros<sup>20</sup>. Este clube, além da atividade social inerente a todo clube (era o primeiro clube da sociedade florianopolitana fora da cidade), tinha muitas atividades ligadas à praia e ao mar. Banhos de mar à fantasia eram de praxe acontecer todos os anos. Competições esportivas: remo, natação, vela, eram constantemente patrocinadas pelo clube e assistidas por muitas pessoas que aproveitavam para banharem-se ao mar. Todas essas praias ficam próximas à cidade, nas baías norte e sul da Ilha de Santa Catarina, onde o mar é calmo. Mas, já no início dos anos de 1930 foi inaugurado o Hotel Balneário de Canasvieiras, que ficava a 30 quilômetros da cidade e à beira do Oceano Atlântico, sendo uma praia de "mar grosso". Este balneário servia somente a "famílias distintas"<sup>21</sup>.

O que se observa, através das notícias do jornal *O Estado* é que, ao aconselharem os banhos de mar, as justificativas são muitas. Das que se pôde levantar, percebeu-se que o mar era tematizado como lugar para se refrescar do excessivo calor e para "retemperar-se das fadigas diárias". Em 1936, o jornal *O Estado* publicou um artigo dizendo que o calor verificado na capital naqueles dias foi "abrasador".

Naquele dia (25/01), por volta das 15 horas, centenas de pessoas - homens e rapazes - castigados pelo calor asfixiante, deliberaram gozar as delícias do banho de mar e lançaram-se

16 - Cf. *O Estado*. Florianópolis, 09.01.1937.

17 - Idem. 01.02.1936. p. 6.

18 - Idem. 09.01.1937.

19 - Outro que se machuca no trampolim. *Diário da Tarde*. Florianópolis, 18.01.1937.

20 - *A Gazeta*. Florianópolis, 11.12.1948. p. 4.

21 - *O Estado*. Florianópolis, 30.01.1940.

às águas, entre o Bar Miramar e o trapiche da Capitania, num espetáculo até então desconhecido para a cidade. A maré estava alta e tentadora"<sup>22</sup>.

Com certeza o banho de mar não era assim tão desconhecido da cidade nesta época, posto que o mar batia aos seus pés. Hoje o mar foi afastado em pelo menos quinhentos metros pelo aterro da Baía Sul. O que era inédito era um número tão grande de pessoas banharem-se ali àquela hora e naquele lugar, local de despejo e de dejetos e de atracação de barcos. A maré precisava estar de fato muito cheia. Aquela região era constituída de trapiches e de muito lodo. Inclusive, a praia do Cais Liberdade, hoje terminal intermunicipal de ônibus, era chamada de "Praia do Vai-quem-quer". De fato, era preciso querer muito para se sujeitar a um lugar tão malcheiroso. O calor era sempre evocado como motivo principal do banho de mar nas proximidades da cidade. Certamente, os que se banhavam à beira do cais não eram "as famílias distintas" que freqüentavam o Balneário de Canasvieiras.

Vários artigos falam da necessidade das férias anuais, do descanso, sobretudo à beira-mar, em contato com a natureza. No Balneário de Canasvieiras os veranistas "podem gozar horas de verdadeira satisfação, retemperando-se das fadigas da vida diária, na contemplação de lindos panoramas naturais e nos deliciosos banhos de mar". Mas isto está reservado apenas a "famílias ou hóspedes distintos... num ambiente de respeito e cordialidade"<sup>23</sup>. Com o Hotel Balneário de Canasvieiras criou-se um espaço sofisticado para o lazer à beira-mar. Ele estava localizado "num lugar salubérrimo, batido do vento do largo e banhado pelas ondas puras e frescas do Atlântico"<sup>24</sup>. O caráter terapêutico do lazer à beira-mar é constantemente lembrado quando se fala da estada no Balneário: "Recolher-se àquele delicioso recanto ilhéu, onde se retemperam os organismos"<sup>25</sup>. O público do Hotel Balneário de Canasvieiras era tão selecionado que *O Estado* chega a publicar a relação dos hóspedes<sup>26</sup>. O Hotel era freqüentado também por famílias do Rio Grande, Pelotas e Porto Alegre<sup>27</sup>.

O hábito do banho de mar trouxe, também, a tematização do corpo. Num artigo de 1952, Ilmar Carvalho, intitulado: "Balneário, postos de salvamento e turismo", proclamava:

"A época atual livre do carrancismo de um passado cheio de roupas pesadas, volumosas e escuras, uma moral tacanha e prejudicial e bem longe da

22 - O Calor. *O Estado*. Florianópolis, 28.01.1936. p. 1.

23 - Idem. 12.01.1933.

24 - Idem. 30.10.1940.

25 - Idem. 12.01.1933.

26 - Idem. 16.02.1933.

27 - Idem. 07.01.1933.

ginástica e dos salutarres banhos que nos proporcionam a vida ao ar livre e saudável das praias"<sup>28</sup>

Ilmar Carvalho proclamava a libertação de uma moral atrasada. As roupas pesadas cediam lugar aos trajes de banho. O culto ao corpo instalava-se. Mas nem todos pensavam assim: as manifestações acerca do decoro à praia vez por outra pipocavam no jornal. Ilmar Carvalho, no entanto, é porta-voz de uma fase que se inaugurava por esta época. Falava-se de uma nova civilização que definitivamente descobriu a natureza, o culto ao corpo, livres de uma moral proibitiva, de uma vida acomodada e sedentária. A máxima "mens sana in corpore sano" ganhava seus adeptos.

Obviamente estas inúmeras notas, extraídas do jornal, merecem uma análise aprofundada, impossível ainda neste estágio inicial da pesquisa. Restaria talvez acrescentar que estas notas, em sua maioria referem-se à década de 1930, época de remanejamento político em Santa Catarina, onde as antigas oligarquias do litoral - Konder/Bornhausen - estavam perdendo, temporariamente, espaço político para o grupo Ramos do planalto. É sintomático que o jornal *O Estado*<sup>29</sup>, porta-voz deste grupo, empenhe-se em afirmar a praia como local por excelência de sociabilidade. É possível que a oligarquia do planalto estivesse buscando legitimidade social, através justamente do elemento com o qual tinham pouca ligação: o mar. Para muitos que há tempo habitavam a Ilha, o mar continuava sendo lugar de pesca, despejo e locomoção.

<sup>28</sup> - Idem. 10.02.1952. p.3.

<sup>29</sup> - Na obra *Imprensa e Poder - A comunicação em Santa Catarina*, do jornalista Moacir Pereira, editada em 1992, pela Ed. Lunardelli e FCC Edições, à p. 117, existe um histórico do jornal que é a principal fonte desta pesquisa. O jornal foi fundado a 13 de maio de 1915 em Florianópolis, por Henrique Rupp Junior e Ulisses Costa, numa época em que os meios de comunicação não escondiam seu engajamento partidário. Em 1925, Victor Konder, então ministro da Viação do governo Washington Luís, compra o Estado. A direção é conferida a Altino Flores que o dirigirá por 20 anos. Victor Konder era um dos líderes do Partido Republicano Catarinense. Nomes de peso começam a colaborar com Altino Flores: Tito de Carvalho, Gustavo Neves e Othon D'Eça. Sidnei Nocetti e Barreiros Filho também foram diretores do jornal. Em 1947 o jornal tornou-se propriedade de Aderbal Ramos da Silva, que assume o governo do Estado neste mesmo ano. O jornal passa a apoiar ostensivamente o PSD - Partido Social Democrático, opondo-se ao Diário da Tarde, de propriedade de Adolfo Konder, líder da recém fundada UDN - União Democrática Nacional. A direção é conferida ao jornalista Rubens de Arruda Ramos. Ainda hoje, o jornal pertence aos descendentes de Aderbal Ramos da Silva, sendo diretor-presidente, seu genro, José Matusalém Comelli.